

***O romance moderno e o “gosto feminino” –
instabilidade no espaço letrado francês do século XVII***

*Beatriz Polidori Zechlinski**

Resumo: Este trabalho é uma reflexão sobre a desestabilização do espaço letrado francês no século XVII, decorrente da atuação das mulheres como produtoras e consumidoras de literatura. São analisados dois textos publicados em 1694 e lidos na Academia Francesa: “Contra as mulheres” (“*Contre les femmes*”), de Nicolas Boileau, e “Apologia às mulheres” (“*L’Apologie des femmes*”), de Charles Perrault. Estes textos foram escritos em meio a uma série de conflitos e embates no ambiente letrado da sociedade do Antigo Regime, causados pela ascensão do romance – que era escrito e lido por mulheres, na sua maior parte – como gênero literário. A análise dos textos de Boileau e Perrault visa a refletir sobre as questões de gênero que estavam no cerne de uma enorme ansiedade a respeito do rumo da civilização e dos valores franceses naquele período.

Palavras-chaves: literatura, gênero, século XVII

Résumé: L’article que je présente ici est une réflexion sur la déstabilisation de l’espace littéraire dans la France du 17^{ème} siècle en raison du rôle croissant des femmes en tant qu’écrivaines et lectrices. Deux textes publiés en 1694 et lus à l’Académie Française y sont analysés: “*Contre les femmes*”, de Nicolas Boileau, et “*L’Apologie des femmes*”, de Charles Perrault. Ils furent composés alors que les conflits littéraires de la société de l’Ancien Régime – causés par la montée en puissance du roman comme genre littéraire, écrit et lu en majorité par les femmes – faisaient rage. L’analyse des textes de Boileau et Perrault a pour but de réfléchir sur les questions de genre qui étaient alors au centre d’un énorme malaise quant à la direction que prenait la civilisation et les valeurs françaises de l’époque.

Mots-clés: littérature, genre, 17^{ème} siècle.

O estudo aqui apresentado é uma análise de dois textos – *Contra as mulheres* (*Contre les femmes*), de Nicolas Boileau (1636-1711), e *Apologia às mulheres* (*L’Apologie des femmes*), de Charles Perrault (1628-1703) – que foram escritos em meio a um intenso debate travado na Academia Francesa no final do século XVII, a chamada *Querela entre Antigos e Modernos*. Esses autores foram os líderes das facções opostas: Boileau representava os Antigos e Perrault¹ representava os Modernos.

* Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Financiamento da pesquisa: Capes.

1 Charles Perrault passou para a posteridade por ter estabelecido as bases para o conto de fadas, que era um novo gênero literário. São de sua autoria, dentre outros contos, *A bela adormecida*, *Chapeuzinho vermelho*, *Cinderela*, *O gato de botas* e *O pequeno polegar*.

A escolha desses dentre muitos outros escritos produzidos durante os longos anos do conflito entre Antigos e Modernos – que se iniciou em 1687 e somente se encerrou em 1715 – deve-se ao fato de que neles os autores abordam de forma clara o problema da inserção das mulheres no espaço letrado. Sigo aqui o pressuposto de Joan DeJean, de que a grande onda de ansiedade cultural que varreu a França no final do século XVII deveu-se principalmente às questões de gênero, que estavam atreladas aos fatores literários e a um sentimento de *fin de siècle* (DEJEAN, 2005: 72).

Bem antes desse momento específico, as mulheres já participavam do ambiente letrado da Europa, escrevendo e traduzindo livros, influenciando pensadores e sendo influenciadas por eles, compondo músicas. As mulheres que alcançaram notoriedade por seus talentos intelectuais durante a Renascença, comumente vindas de famílias abastadas, trilharam, no entanto, árduos percursos.

A instrução das meninas, mesmo da aristocracia, era um tanto precária em comparação àquela oferecida aos meninos de mesma classe social (SONNET, 1991). Além disso, os obstáculos para tornar-se uma mulher letrada não cessavam na dificuldade da instrução, mas tornavam-se ainda mais penosos se essas mulheres mostrassem ambição para ocupar um espaço marcadamente masculino, como era o do conhecimento e do saber (BADINTER, 2003). Assim, tornar-se uma escritora significava ter de enfrentar as restrições à publicação de seus livros e os preconceitos implicados às mulheres *sábias*. (DULONG, 1991: 484).

No século XVII, em meio a muitas mudanças sociais e culturais pelas quais passava a França – das quais podemos citar o desenvolvimento da Reforma Católica e as primeiras escolas para meninas sendo abertas nos Conventos –, acirraram-se os debates em torno da educação das mulheres e de seu papel no campo dos conhecimentos humanos: a chamada *Querelle de femmes*, que vinha desde o Renascimento.

O surgimento dos salões literários, nesse período, contribuiu em muito para a visibilidade das capacidades femininas na área literária. Os salões foram lugares de aproximação entre homens e mulheres, possibilitando a inserção delas nos debates intelectuais. Eles funcionavam nas residências de mulheres aristocratas, e posteriormente de burguesas, que recebiam semanalmente pessoas letradas para conversações e apreciação de textos poéticos e literários.

Assim, de acordo com Ana Paula Martins, o espaço de troca de idéias onde podiam participar tanto homens como mulheres possibilitou o desenvolvimento de relações de amizade e a visibilidade de mulheres *sábias*. Por serem também as anfitriãs organizadoras dos encontros, as mulheres passaram a desempenhar um papel de destaque nesse ambiente do

conhecimento e do saber, pela capacidade de reunir em torno de si personalidades letradas da época e pelas habilidades que desenvolviam ao conduzir as conversações (MARTINS, 2007).

Com o alargamento das possibilidades de interação no mundo das letras, proporcionado pelos salões literários, tornou-se mais fácil para as autoras lançarem seus livros ao público, embora muitas delas continuassem sem assinar as suas obras. O gênero literário que elas normalmente dominavam era o romance, que surgia naquele momento e tornava-se o centro das atenções. Assim, o sucesso que começaram a fazer os romances terminaram por causar uma enorme tensão no espaço das letras.

Os Antigos passaram a defender bravamente o valor da poesia, presente nos épicos, nas tragédias e no teatro, que havia sido até então a forma literária mais valorizada. É importante notar, porém, que o problema mais grave sentido pelos Antigos não era a simples ascensão de um novo gênero literário, mas a forma como um público não especializado apropriava-se dessa literatura e sentia-se capaz de julgá-la, tarefa até então restrita aos homens de letras que participavam das Academias.

De acordo com Joan DeJean, o romance estava proporcionando a criação de um novo público para a literatura e demonstrava um enorme potencial para fazer suscitar a opinião pública, o que foi amplamente incentivado por jornais, como *Le Mercure Galant* (DEJEAN, 2005: 94). Não era necessário para um leitor ou uma leitora ter adquirido grandes conhecimentos sobre a Antiguidade Clássica para seguir os passos de Clélie no reino de *Tendre* (SCUDÉRY, 2006), nem tampouco para compreender os dramas morais da Princesa de Clèves (LA FAYETTE, 1999), escritos por proeminentes autoras.

Um dos grandes pontos de conflito, na realidade, estava na maneira como os acadêmicos que se alinhavam a Boileau enxergavam o fazer literário. Para eles, os grandes autores, além de serem do sexo masculino, encontravam-se na Antiguidade Clássica e seria impossível tanto julgar a qualidade de Homero, por exemplo, quanto imaginar um autor ou autora moderna sendo elevada ao mesmo grau de importância deste. Já os Modernos se propunham a pensar o cânone literário sempre em mutação, imaginando que um autor da sua época poderia ser considerado tão bom quanto Homero.

Dessa forma, os Modernos, ao defenderem o romance e a prosa, defendiam igualmente a capacidade que cada indivíduo poderia ter de julgar se uma obra lhe parecia boa ou não. Colocando em dúvida a validade do cânone já estabelecido, os Modernos abriam espaço para a inserção de obras modernas no novo cânone, ou ainda para a percepção de que este seria para sempre mutável, conforme o passar das épocas. Assim, os Modernos defendiam, na realidade, a necessidade de constante inovação da literatura francesa e a liberdade individual

de interpretação de obras pelo público, enquanto os Antigos queriam a manutenção da tradição interpretativa.

As mudanças literárias que os Antigos pretendiam barrar colocavam em dúvida não somente as formas literárias tradicionais, mas também a divisão hierárquica do feminino e do masculino em que a literatura francesa estava consolidada, pois o novo gênero literário era identificado com as mulheres, não só porque elas eram em grande parte as escritoras dos romances, mas também porque o novo público dessa literatura era composto majoritariamente por leitoras.

Dessa forma, segundo Joan DeJean, a grande ameaça sentida pelos Antigos, além da democratização da literatura, era “o potencial de feminizar-se o gosto francês” (DEJEAN, 2005: 72). O romance era um gênero considerado *menor* por aqueles que defendiam o maior valor da poesia épica ou lírica, justamente porque tratava das relações amorosas e dos sentimentos, assuntos considerados “femininos”. Essa guinada na cultura francesa levava os Antigos a pensarem que a virada do século poderia significar o fim da civilização tal como eles a conheciam, o que gerava um sentimento de *fin de siècle*, isto é, um sentimento de um limite, o prenúncio do declínio da civilização.

É importante destacar que, segundo o entendimento de Joan DeJean, podemos considerar que já havia no século XVII francês a noção de “civilização”, embora a palavra ainda não constasse nos dicionários do período. Segundo DeJean, embora a palavra *civilisation* não tivesse sido cunhada, outras palavras carregavam o mesmo sentido semântico nas obras literárias, como “século”, utilizada por Perrault em *Le Siècle de Louis Le Grande*, que trazia as noções de progresso, declínio e queda. Além de “século”, outros termos expressavam usualmente o conceito de “civilização”, tais como civilidade, polidez, sociedade, modos e gosto (DEJEAN, 2005: 181-184).²

O “tornar público” do processo literário e a ascensão do “feminino” na literatura desestabilizou a elite cultural, trazendo à tona a possibilidade de um colapso da sociedade. A poesia de Nicolas Boileau, *Contra as mulheres*, nos faz ver o quanto os conflitos de gênero envolvidos na crise do espaço letrado desse período levavam os Antigos a uma idéia de decadência da civilização francesa.

O maior representante dos Antigos, Boileau, que era historiógrafo real, escreveu, no auge da Guerra Cultural, essa sátira para demonstrar o quanto as mulheres eram as

2 Dessa forma, Joan DeJean contrapõe-se a visão de Norbert Elias de que o conceito de “civilização” nascera no século XVIII.

responsáveis pelo mau gosto literário que fazia os franceses correrem o risco de verem a sua literatura entrar em decadência. Note-se que quando Boileau escreveu esse texto (que ficou conhecido como *Sátira às mulheres*), Charles Perrault, o maior representante dos Modernos, já havia escrito *Le Siècle de Louis Le Grand e Parallèle des Anciens et des Moderns, en ce qui regarde les arts et les sciences*, que haviam suscitado reações diversas na Academia e fora dela.

Nessa sátira, Boileau faz uma ligação entre os padrões morais de comportamento, a atuação de mulheres nos salões literários e a influência delas sobre os novos autores. O autor começa sua poesia descrevendo a história de um pobre rapaz que tinha uma série de qualidades, mas era um pouco fraco para lidar com dinheiro. Este foi “encontrar um monstro horrível sob o hábito de uma menina” (BOILEAU, 1921: 75)³, isto é, casou-se com uma mulher que tinha todos os vícios possíveis. Ela adorava passar os dias jogando cartas e se divertindo, sua cabeça era utilizada apenas para futilidades.

Por causa dos defeitos da sua mulher, esse pobre homem acabou arruinado. No final da trágica história vemos um cenário de destruição, de desespero, de decadência. Esse casal termina suas vidas na miséria, sem casa, sem filhos, sem comida, sem dinheiro (BOILEAU, 1921: 76). Logo após essa calorosa descrição de como uma mulher pode levar o esposo e o casamento à total decadência, Boileau inicia seus ataques às Preciosas⁴:

...Mas quem é que vem atrás dele? / É uma preciosa, / O que resta destas inteligências outrora renomadas / Que de um só toque de sua arte Molière difamou. / De todos os sentimentos delas esta nobre herdeira / Mantém ainda aqui a seita afetada delas / É nas suas casas que sempre os insípidos autores / Não se consolar do desprezo dos leitores. / Lá ela recebe as queixas deles; e sua douta residência / Aos Perrins, aos Coras, é aberta a toda hora. / Ali, encontra-se o gabinete do falso belo espírito / Ali, todos os versos são bons, contanto que sejam novos. (BOILEAU, 1921: 78).⁵

3 Tradução livre de “Chercher un monstre effreux sous l’habit d’une fille”.

4 “Preciosas” era o termo usado no século XVII para denominar as mulheres autoras, o qual, de início, tinha um sentido pejorativo. Ver DULONG, 1991.

5 Nesta passagem Boileau faz uma referência à peça *Les Précieuses ridicules (As preciosas ridículas)*, de Molière. Tradução livre de “... Mais qui vient sur ses pas? C’est une précieuse, / Reste de ces esprits jadis si renommés / Que d’un coup de son art Molière a diffamés. / De tous leurs sentiments cette noble héritière / Maintient encore ici leur secte façonnrière. / C’est chez elle toujours que les fades auteurs / S’en vont se consoler du mépris des lecteurs. / Elle y reçoit leur plainte; et sa docte demeure / Aux Perrins, aux Coras, est ouvert à toute heure. / Là, du faux bel esprit se tiennent les bureaux: / Là, tous les vers sont bons, pourvu qu’ils soient nouveaux.”

A lógica desse texto leva o leitor a pensar que, assim como uma mulher destrói a vida de um marido, as escritoras estão destruindo a literatura francesa. Para o autor, as anfitriãs dos salões literários eram as responsáveis pela divulgação do mau gosto, da baixa literatura. Do ponto de vista de Boileau, só havia um bom gosto e as bases para sua definição já estavam estabelecidas.

Na visão dos Antigos, as mudanças no cenário da literatura francesa, que tinham as mulheres como protagonistas, significariam necessariamente a decadência. Esse sentimento se aplicava tanto às mudanças nas formas literárias, quanto às mudanças sociais, ou seja, à nova interação entre homens e mulheres e à ascensão destas como escritoras.

Vemos que o ataque de Boileau ao estilo das escritoras vem acompanhado de uma crítica aos encontros nos salões literários (chamados de “seita”), onde as mulheres interagiam com escritores. De fato, não era do agrado de todos os letrados o papel de destaque que as mulheres ganhavam nos salões literários.

Segundo Roger Chartier, a partir do século XVII a participação nos salões tornou-se uma necessidade para o homem de letras, que deveria exercitar a conversação, o debate de idéias e a leitura das obras em grupo, para ser reconhecido como tal (CHARTIER: 1997: 128). Cabia às anfitriãs dos salões conduzir as conversações, de forma a evitar conflitos graves ou mal-entendidos entre os participantes. Eram elas que davam o tom das conversas, assim como vigiavam a adequação dos comportamentos. Além disso, essas mulheres podiam convidar personalidades para frequentar os encontros e também podiam não aceitar receber determinada pessoa.

Assim, as *salonnières* exerciam uma autoridade que não era bem vista por muitos letrados, os quais, segundo Chartier, acreditavam que os salões enfraqueciam os homens, os tornando dependentes das mulheres e invertendo a organização social (CHARTIER, 1997: 135). Dessa maneira, ataques aos salões eram frequentes (e se intensificariam no século XVIII), e, como mostra a sátira de Boileau, se confundiam com a crítica ao gosto feminino e ao estilo das escritoras. Essa ligação é perfeitamente compreensível, tendo em vista que eram esses encontros e a amizade com os escritores que permitiam às inexperientes autoras preencherem as lacunas da sua precária educação e assim refinarem a sua escrita, conforme Claude Dulong:

Para compor Zaide e La Princesse de Clèves eram seguramente necessários o gênio, a lucidez e o profundo desespero de uma La Fayette; mas era também preciso ter frequentado os salões e neles ter refinado o gosto e exercitado o espírito. Além de que só aí se encontravam os teóricos, os gramáticos e os homens de talento que podiam ajudar ‘autoras’ ainda inexperientes a construir os seus enredos e a corrigir a sua sintaxe e o seu estilo. (DULONG, 1991: 481).

Para Charles Perrault, que escreveu *Apologia às mulheres (L'Apologie des femmes)* em resposta ao texto de Boileau, ser Moderno significava justamente compreender o papel que as mulheres desempenhavam na sociedade naquele momento. Segundo o seu ponto de vista, as mulheres sábias contribuiriam para a construção de uma sociedade mais civilizada e mais polida.

O que para muitos era uma potencial ameaça, a capacidade de moldar os comportamentos desenvolvida pelas mulheres no convívio dos salões literários era, para outros, vista como uma contribuição à sociedade. Devemos lembrar que nesse período o comportamento polido e a observância das normas de etiqueta tornaram-se valorosos para a elite francesa, porque eram também uma forma de diferenciação social (ELIAS: 2001).

Charles Perrault utilizou esse argumento quando saiu em defesa das escritoras e de seus romances. Segundo o autor, devia-se às mulheres e ao feminino o refinamento do gosto e o desenvolvimento da civilidade:

Pode você não saber que a Civilidade / nas mulheres nasceu com a honestidade? / Que nelas se encontra a fina polidez, / o bom ar, o bom gosto e a delicadeza? / Olhe um pouco de perto aquele Lobisomem, / Longe das mulheres viveu fechado no seu buraco, / Você o verá sujíssimo, desajeitado e selvagem, / Selvagem nos seus comportamentos, rude na sua linguagem, / Sem poder pensar nada de refinado, de engenhoso, / Nada dizer que não seja duro ou velho. / Se ele junta a esses talentos o amor da Antiqualha, / Se ele acha que nos dias de hoje não fazemos nada que valha, / E que ele pode fazer críticas a qualquer bom Moderno / Com todos esses dons reunidos se constrói o Pedante, / Tanto o mais fastidioso, quanto o mais imundo, / de todos os animais que rastejam no mundo. (PERRAULT, 1694: 8).⁶

Reparamos que, no texto de Perrault, os Antigos, quando adquiriam a postura misógina desejando afastar as mulheres do seu convívio social, são comparados a animais selvagens, ou mesmo mitológicos, como o Lobisomem. Não contribuía em nada, portanto, para a evolução social em direção à civilidade.

Do ponto de vista de Perrault, as mudanças na literatura e no espaço das letras estavam atreladas às mudanças sociais. Ele acreditava que a inovação literária dependia de uma nova postura frente aos valores sociais de gênero. O autor convoca os leitores para, em vez de

6 Tradução livre de “Peux-tu ne sçavoir pas que la Civilité / Chez les Femmes nâquit avec l’Honestété? / Que chez elles se prend la fine politesse, / Le bon air, Le bon goust, et la delicatesse? / Regarde un peu de prés celuy qui Loupgarou, / loin du sexe a vescu renfermé dans son trou, / Tu le verras crasseux, mal-adroit et sauvage, / Farouche dans ses moeurs, rude dans son langage, / Ne pouvoir rien penser de fin, d’ingenieux, / Ni dire jamais rien que de dur ou de vieux. / S’il joint à ces talens l’amour de l’Antiquaille, / S’il trouve qu’en nos jours on ne fait rien qui vaille, / Et qu’à tout bon Moderne il donne un coup de dent, / de ces dons rassemblez se forme le Pedant, / Le plus fastidieux, comme le plus immonde, / De tous les animaux qui rampent dans le monde.”

aceitarem facilmente os defeitos considerados femininos (frivolidade, irracionalidade, inconstância, por exemplo), prestarem mais atenção às mulheres honradas e virtuosas e sobre as quais nada se falava (PERRAULT, 1694: 5).

O líder dos Modernos chega mesmo a indagar sobre as relações entre os sexos na instituição matrimonial, chamando a atenção para a desatenção dos maridos para com as capacidades intelectuais de suas mulheres: “É verdade que nos casamentos deles / Nem sempre encontraram esposas sábias; / Mas, teriam eles a coragem de ousar murmurar sobre isso? / Teriam eles tentado as encontrar no casamento?” (PERRAULT, 1694: 9)⁷.

Assim, o pensamento de Perrault está em consonância com algumas das idéias desenvolvidas por escritoras, como Madeleine de Scudéry, de que era necessário respeitar as vontades das mulheres e acreditar nas capacidades femininas, para que elas pudessem se educar e desenvolver seu intelecto. Do ponto de vista dos Modernos, a crença de que os indivíduos deveriam desenvolver a sua capacidade de julgamento pessoal e serem livres para opinar e julgar obras literárias estava atrelada a forma positiva como eles viam a inserção das mulheres no mundo das letras.

A atuação das Preciosas colocava em dúvida a divisão hierárquica de gênero presente no ambiente letrado e na sociedade como um todo. Além disso, a grande parte dos escritos produzidos por mulheres traziam a tona pensamentos, indagações, demandas que eram próprias da experiência feminina, o que abalava as representações sociais da sociedade estruturada sobre o masculino. Dessa forma, enquanto os Antigos supunham que a ascensão do feminino seria o fim da civilização francesa, alguns Modernos, como Perrault, acreditavam que isso fazia parte da Modernidade.

Concluimos, assim, que as questões colocadas por Boileau e Perrault são próprias de um momento de crise no espaço letrado e de mudanças sociais em função de eventos literários. Para muitos homens de letras era inesperado e ameaçador o descontrole sobre as publicações e a circulação dos livros, em especial dos romances. Em decorrência da alfabetização cada vez maior da população, em vista da Reforma e da Reforma Católica, tornava-se muito perigosa essa nova postura de leitores e leitoras, que tomavam a liberdade de discutir romances, para aqueles que desejavam manter o status do conhecimento restrito aos pequenos grupos, em especial aos homens.

7 Tradução livre de “Il en est, il est vray, qui dans leurs mariages / N’ont pas toujourns trouvé des Epouses bien sages; / Mais auroient-ils le front d’en oser murmurer? / Ont-ils en épousant tâché d’en rencontrer?”.

Bibliografia

BADINTER, Elisabeth. *Émilie, Émilie: a ambição feminina no século XVIII*. Tradução de Celeste Marcondes. São Paulo: Discurso Editorial : Duna Duetto : Paz e Terra, 2003.

BOILEAU, Nicolas. *Contre les femmes*. Original publicado em 1694. In.: BOILEAU, Nicolas. *Satires*. Paris: Hatier, 1921. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148>. Acesso em outubro de 2008.

CHARTIER, Roger. “O homem de letras”. In: VOVELLE, Michel. *O homem do Iluminismo*. Lisboa: Presença, 1997. pp. 117-153.

DEJEAN, Joan. *Antigos contra Modernos: as guerras culturais e a construção de um fin de siècle*. Tradução de Zaida Maldonado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

DULONG, Claude. “Da conversação à criação”. In: *História das mulheres no Ocidente. Do Renascimento à Idade Moderna*. Tradução de Maria Carvalho Torres. Lisboa: Edições Afrontamento, 1991. pp. 467-495.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Tradução Pedro Süsskind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LA FAYETTE, Madame de. *La Princesse de Clèves*. Original publicado em 1678. In.: LA FAYETTE, Madame de. *Oeuvres Complètes*. Paris: François Bourin, 1999.

MARTINS, Ana Paula Vosne. Da amizade entre homens e mulheres: cultura e sociabilidades nos salões iluministas. *História: Questões e Debates*. Curitiba, n. 46, pp. 51-67, 2007. Editora UFPR.

PERRAULT, Charles. *L'apologie des femmes*. 1694. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k108213g>. Acesso em outubro de 2008.

SCUDÉRY, Madeleine de. *Clélie, histoire romaine*. Paris: Gallimard, 2006. Original publicado de 1654-1661.

SONNET, Martine. “Uma filha para educar”. In: *História das mulheres no Ocidente. Do Renascimento à Idade Moderna*. Tradução de Maria Carvalho Torres. Lisboa: Edições Afrontamento, 1991. pp. 142-179.